

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 13.)

Situação e sua influencia na agricultura.

343.º A situação considerada em relação á agricultura depende de um grande numero de condições, todas ellas importantes, e dignas de um estudo especial. A situação botânica é determinada pela latitude, pela elevação, pela exposição e mesmo pela inclinação, e pelos abrigos. Antes de instituir qualquer cultura o agricultor deve cuidadosamente estudar a situação, em que vai institui-la; este estudo torna-se tão necessario que sem elle o agricultor nem saberá as especies que deve cultivar, nem as modificações, com que as culturas devem ser feitas; e muito menos quaes são as plantas que póde naturalisar, e as novas culturas que póde adoptar. Para estudarmos a situação é mister que estudemos em separado cada uma das influencias que a constituem.

Latitude dos terrenos.

344.º Á maior ou menor distancia, em que os terrenos se achão do equador, ou da linha equinoxial chama-se *latitude*. É facil de perceber a razão, porque a latitude deve influir na constituição dos climas, ou das regiões botánicas, visto que a acção do calor e da luz vai progressivamente decrescendo do equador para os polos.

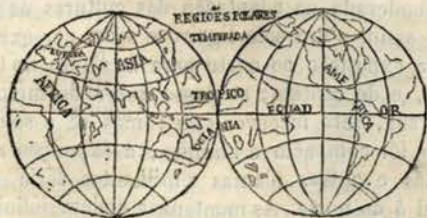
345.º A terra está dividida em cinco faxas ou zonas, uma central, que se acha entre os trópicos, e é dividida em duas partes eguaes e semelhantes pela linha equinoxial

(como se vê na figura que apresentamos neste lugar) e tem o nome de *zona tórrida* — duas medias, uma para a banda do norte, e outra para a do sul, limitadas do lado do equador pelos trópicos, e do lado do norte pelos circulos polares; e tem o nome de *zonas temperadas* — outras duas finalmente, que começam nos circulos polares, e acabão nos polos, e chamão-se *glaciaes* ou *frigidias*.

346.º Ora se considerarmos, que a inclinação dos raios solares é diversa nas diversas zonas, e tanto maior quanto maior é a distancia a que se está do equador — e que nesta linha os dias são eguaes ás noites, e quasi eguaes em todo o resto da zona tórrida, assim como que a successão das estações é muito pouco sensível nesta zona — em quanto nas zonas temperadas e frigidias não só se apresenta uma grande desigualdade entre os dias e as noites, mas ainda uma sensível differença na successão e duração das estações — se considerarmos pois todas estas circumstancias facilmente se deprehenderá, que a influencia dos dois grandes agentes da vegetação, o calor e a luz, deve ser diversissima nas diversas zonas e latitudes, devendo por tanto occasionar uma grande diversidade de regiões botánicas.

347.º E effectivamente á medida que avançamos dos polos para o equador vemos que a vegetação vae assumindo uma phisionomia particular e caracteres muito diversos. Pobre e reduzida a um pequenissimo numero de especies enfezadas e tristes nas regiões polares, ella se vae tornando cada vez mais rica e variada á proporção que nos desviamos destes melancolicos paizes tão pouco favorecidos pelo sol e pela luz. As suas fórmias em parte nenhuma são mais fastosas, mais cheias de pompa e magestade, do que nos paizes equatoriaes, onde um intenso calor humido as faz desenvolver de um modo espantoso.

348.º Ha poucas plantas, que se possão dizer *cosmopolitas*, isto é, que possão vegetar em toda a parte. As gramineas annuaes estão porém neste caso; mas naturaes dos paizes frios, ellas não prosperão muito bem nos quentes. As ervilhas, os feijões, os nabos, e as batatas, assim como certas gramineas não se desenvolvem natural e francamente nas regiões ou muito quentes, ou muito frias — o milho, o arroz, a batata doce, &c. aprazem-se principalmente nos pai-



zes quentes — mas no nosso — neste paiz abençoado — quasi todas as plantas se dão como no paiz da sua naturalidade!

349.º Cumpre ainda notar pelo que respeita á latitude, que se a natureza dos productos depende essencialmente della, o systema das culturas deve necessariamente apropriar-se á sua acção modificadora. Nos paizes frios, em que as regas são inuteis umas vezes, e outras prejudiciaes, devem preferir-se os terrenos mais enxutos. Nos paizes temperados, por exemplo, na Italia, na Hespanha, e no nosso Portugal os terrenos humidos serão sempre em geral preferiveis, e as regas indispensaveis durante uma boa parte do anno. Na Arabia, na Persia, na India nenhuma cultura se poderá emprender sem agoa, excepto sobre as partes mais elevadas das montanhas.

Elevação dos terrenos.

350.º A altura maior ou menor dos terrenos acima do nivel do mar chama-se *elevação*. A temperatura diminue na atmosphaera na razão desta elevação. Seiscentos pés de altura acima do nivel do mar equivalem a um gráu de latitude do equador para os polos, e produzem uma differença de temperatura analogá; donde resulta que nas regiões temperadas e mesmo nas tórridas podem existir terrenos com a temperatura das regiões polares ou frigidás — e resulta tambem que mesmo sobre a linha póde haver neves perpetuas, como realmente ha — e o *Chimborazo* na cordilheira dos *Andes* póde servir de exemplo.

351.º E' por tanto obvio que nesta e n'outras montanhas similhantes se poderão observar desde a sua base até ao seu cume as temperaturas, e até certo ponto os climas das diferentes regiões da terra, e que a sua vegetação poderá apresentar um arremedo das diversas *floras* do globo. E effectivamente é o que acontece segundo nos asseverão os naturalistas, que as tem visitado.

352.º A altura ou o limite das neves eternas nas diversas montanhas do globo deve ser mais ou menos elevado acima do nivel do mar, segundo for maior ou menor a sua proximidade do equador. E certamente este limite é nas cordilheiras que estão dentro dos trópicos de 5:000 metros; nas dos *Alpes* de 2:700, e nas da Islandia de menos de 1:000.

353.º Deve concluir-se do exposto, que o agricultor precisa attender muito á elevação do terreno no estabelecimento das culturas que nelle quizer instituir; as grandes elevações são ventosas, frias, sugeitas a fortes geadas a tempestades frequentes e a um grande numero de vicissitudes meteorologicas contrarias á cultura das plantas delicadas e proprias dos paizes temperados. As mesmas gramineas que tanto se acomodão á rudeza e diversidade dos climas não se desenvolvem em Inglaterra, por exemplo, acima de 800 pés de elevação.

354.º A elevação dos terrenos deve ainda merecer ao agricultor grande attenção em quanto o afflata das vias de communicação, e lhe difficulta o transporte e a extracção dos seus productos.

355.º As consequencias agronomicas da elevação podem ser modificadas por muitas outras influencias, assim a latitude, a exposição, os abrigos, &c. podem fazer variar consideravelmente aquellas consequencias. O Valle de *Quito* na America, é uma bacia summamente elevada; mas porque se acha proximo da linha é um paiz aprazivel e fertilissimo.

Exposição do solo.

356.º Os terrenos podem achar-se virados para diferentes pontos da terra, podem olhar para o norte, para o sul, para o oeste, e para leste; e ainda para outros rumos intermedios a este — é pois a este diverso aspecto dos terrenos, que se dá o nome de *exposição*.

357.º O primeiro effeito da exposição é a diversidade de temperatura, como por experiencia sabem todos os cultivadores de plantas delicadas e exóticas; o segundo é a maior ou menor humidade do solo.

358.º A exposição ao sul e ao sudoeste é entre nós a mais calida; porque é sugeita não só a uma forte e prolongada insolação, mas mesmo á acção de ventos, que vindos d'além mar, e tendo atravessado os torrados areas da Africa nos chegam sempre mais ou menos quentes e humidos, segundo as diversas estações. A exposição ao norte é a mais fria por motivos inteiramente oppostos — insolação menos prolongada e intensa, e ventos frios e humidos como os paizes donde partiram, e que percorreram durante o seu transito — a do oeste e noroeste é duramente trabalhada por asperos vendavaes, por chuvas, e tempestades frequentes — meteoros ás vezes daninhos, que o oceano nos envia com prodigalidade — a do leste e nordeste é sugeita a ventos aridos e dessecantes, que atravessaram os paizes quentes e arenosos da Asia, e que são um dos mais terriveis flagellos da maior parte das nossas culturas.

359.º Releva porém notar que os effeitos geraes destas exposições podem ser modificados, e ás vezes até neutralisados, por muitas e variadas circumstancias locais, como são a natureza do solo, a posição das montanhas, o resguardo das florestas, dos abrigos, &c. A natureza do solo merece ser reflectidamente ponderada na adaptação das culturas ás exposições — assim n'um solo ligeiro e seco, por exemplo, convirá a exposição ao norte para a cultura do trevo, do trigo, e do centeio; ao passo que a do meio-dia, ou a do sul, será inconveniente; mas se o solo pelo contrario fór compacto e humido, a exposição ao sul para estas e outras plantas similhantes seria muito preferivel á do norte. As montanhas podem influir nos effeitos geraes da exposição; as exposições ao sul, que

se encontram nas abas septentrionaes da Serra da Estrella, são muito menos quentes do que as da mesma natureza que se encontram ao sul da mesma Serra. Os abrigos das grandes florestas, segundo estiverem ao sul ou ao norte de qualquer exposição, deverão produzir um effeito igual ao das montanhas.

360.º A exposição mais geralmente proveitosa no nosso clima é a exposição ao sul. O laranjaes, os pomares de caroço, as vinhas, os olivae, e quasi todas as hortaliças amão de preferencia esta tepida exposição. Ella é ainda a mais vantajosa ás culturas das plantas dos paizes quentes, e de todas as que por sua nimia delicadeza soffrem muito com o rigor do frio; tambem é só nesta exposição, e nas nossas provincias do sul, que nós podemos obter fructos mais ou menos perfectos da alfarrobeira, da goiaveira, e mesmo da bananeira. A exposição ao norte é a mais aprasiavel aos carvalhos, aos choupos, ás faias, aos pinheiros; assim como aos trevos, ao azevem e a muitas outras plantas pratenses. As gramineas parecem aprazer-se com a exposição ao poente; o pecegueiro, a videira, e a oliveira tambem não a desamão. A exposição porém a leste e a nordeste é a mais malfadada e a peor de todas, porque fustigada pelo vento *suão* vê morrer, ás vezes no curto espaço de um dia ou de uma noite, todas as esperanças do cançado lavrador.

Inclinação e abrigos.

361.º Dá-se o nome de *inclinação* ao maior ou menor declive dos terrenos. E' preciso que elles sejam horizontaes para não terem inclinação alguma. Não é necessaria grande reflexão para se comprehender que os terrenos que tiverem uma dada inclinação para o meio dia, para o levante e para o poente hão-de ser mais aquecidos que os terrenos horizontaes, porque os raios do sol cahem mais perpendicularmente sobre os primeiros do que sobre os segundos — e do mesmo modo e pela mesma razão os terrenos horizontaes ainda receberão mais calor do que os terrenos inclinados para o norte: donde resulta que a inclinação influe directamente sobre a temperatura e por consequente sobre a humidade do solo.

362.º As grandes inclinações dos terrenos são muito prejudiciaes debaixo do ponto de vista das culturas. Ouçamos o que a este respeito nos diz *Schuerz* no seu bello *Manual sobre afothamentos*. « Se uma ligeira inclinação é muito favoravel á maior parte dos terrenos, e sobre tudo áquelles que retem a agoa, uma inclinação forte é nociva a todos sem excepção. Nestes ultimos convem que nos abstenhamos das culturas sachadas, não só por serem nelles difficeis, mas porque o solo fica exposto a ser diluido pelas chuvas e despojado dos seus mais ferteis principios. Se a inclinação porém fôr excessivamente rapida a terra vegetal fica ainda muito mais exposta a ser arrastada pelas chuvas, e então nem mesmo o pouzio completo se deve aconselhar. »

363.º Quando se verificam fortes inclinações as lavouras devem fazer-se atravessadas, ou em sulcos transversaes e parallelos á base dos terrenos por ser este o unico modo de obstar até certo ponto á acção dissolvente das aguas; ou então se o terreno fôr pingue dividir-se-ha em taboleiros mais ou menos horizontaes, ou em escalões transversaes sotopostos uns aos outros, para poder ser convenientemente aproveitado.

364.º E' principalmente nos terrenos montanhosos, que estas fortes inclinações se apresentam; e neste caso vem reunir-se quasi sempre a maior despeza da cultura com a esterilidade do solo, o que faz com que taes terrenos sejam geralmente incultos, e apenas consagrados ás pastagens dos gados.

365.º Os obstaculos phisicos que moderam a acção dos ventos, das geadas, dos frios e de outras vicissitudes atmosfericas tem o nome de *abrigos*.

366.º Estes obstaculos podem ser naturaes ou artificiaes: entre os primeiros figuram principalmente as montanhas e as florestas. Os primeiros de todos os abrigos, e os que mais poderosamente modificam as influencias climatericas de qualquer paiz são as montanhas. A sua acção sobre a agricultura é incontestavel e estende-se mesmo aos terrenos, que se acham mui distantes dellas. E' das montanhas que manam as fontes, os regatos, e os rios — são ellas que determinam frequentemente a direcção dos ventos, que atrahem as nevoas, e as nuvens, que occasionam a queda das chuvas, que quebram o impeto das tempestades, e modificam a temperatura, de modo que constituem em torno de si, e principalmente nos valles que circundam e protegem, climas particulares, e ás vezes diversissimos do clima geral do paiz. As serras do Algarve, por exemplo, abrigando esta bella provincia dos ventos nortes e nordestes, transformam por tal modo o seu clima, que o tornam summamente differente do clima das nossas restantes provincias; apropriando-o singularmente á naturalisação das plantas dos paizes calidos. As serras de Arronches, de Portalegre, e Castello de Vide produzem quasi o mesmo effeito sobre uma parte da provincia do Alemtejo. As do Gerez, Marão, e Caramulo affectam consideravelmente a natureza do clima das provincias do norte. Se não fossem os Alpes a França vêr-se-hia talvez privada dos abrigos, onde vê prosperar as lorangeiras. E a Hespanha sem os Pirineos perderia em grande parte o doce temperamento, e a feliz amenidade do seu clima.

367.º As florestas e os arvoredos são depois das montanhas abrigos muito vantajosos, e grandes modificadores do clima. Os arvoredos quebram igualmente a acção dos ventos; tornam-os mais humidos e frescos; retem e demoram as nuvens, e resolvem-as em chuvas. Os paizes que carecem de florestas e arvoredos, como o geral das nossas provincias do sul, são pelo contrario fortemente açoitados dos ventos, são profundamente penetrados pelos raios ardentes do sol, que

lhe evaporam toda a humidade, carecem de chuvas, de nevoas, e orvalhos, tornam-se aridos, doentios, e improprios para a maior parte das culturas.

368.º Assim os paizes outrora tão sadios e férteis da Siria, da Palestina, de Chipre, e da Morea, depois que perderam as suas mattas, ficaram estereis e despovoados. E o mesmo ha-de acontecer (e em parte já acontece) ás nossas provincias meridionaes, se leis severas e magistrados inflexiveis não reprimirem a devastação, que vai acabando com as nossas mattas.

369.º Com isto não queremos persuadir que se plantem mattas indistinctamente e por toda a parte, porque deste modo marchariamos para o extremo contrario que tem inconvenientes oppostos, mas egualmente prejudiciaes. Cumpre escolher as localidades em que estas plantações podem convir, e indicar aquellas em que podem ser nocivas. Geralmente é nos terrenos mais arenosos e elevados, nas montanhas mais estereis e escalvadas que devem ser feitas taes plantações; e além destas em todas aquellas localidades onde convier quebrar a impetuosidade dos ventos, e reter as nuvens para assim augmentar a copia e a frequencia dos chuveiros.

370.º Entre os abrigos artificiaes indicaremos como mais importantes os tapumes feitos com arvores ou arbustos, com muros, ou com pallissadas. Os tapumes de arvores ou arbustos não são sómente um bom abrigo, são tambem um excellente meio de defender e augmentar as produções dos campos. Se as vastas herdades de pão do Alemtejo convenientemente divididas, e se os terrenos conhecidos alli pelo nome de *courellas* fossem cercados e defendidos por vallados plantados d'arvores, quanto não ganharia aquella provincia? Estas fileiras de arvoredos como não abrigariam os seus campos, adoçariam o seu clima, augmentariam as agoas, e creariam uma nova fonte de inexauriveis riquezas! Plantem os proprietarios em torno dos seus campos carvalhos, amieiros, faias, freixos, e ao pé de cada uma destas arvores uma videira, e verão como o tapume lhe rende ainda mais do que o cercado. E' assim que se pratica no Minho, nesta laboriosa provincia. Foi assim que os inglezes e belgas triplicaram talvez o valor das suas terras; e que os hollandezes no Cabo da Boa Esperança, onde os furacões são continuos, conseguiram por meio de tapumes de *bambus* culturas regulares e proveitosas nestas inhospitas pairagens.

371.º Na nossa costa desde Lisboa até á Ericeira servem-se os agricultores com grande vantagem de fileiras de canaviaes para quebrar a furia dos ventos

do mar. Este arbitrio seguido tambem em outros pontos do reino é excellente. Os pomares de Cintra e de Collares dão disso testemunho. Nós recomendaríamos aos nossos agricultores o emprego de arvores fructíferas muito apropriadas a este fim, como são as maceiras, as pereiras, e os abrunheiros bravos, assim como os zambugeiros, as romeiras, e as nogueiras; os primeiros porque poderiam por meio da enxertia converter-se em oliveiras, e as ultimas porque as suas folhas e fructos são respeitados pelos gados.

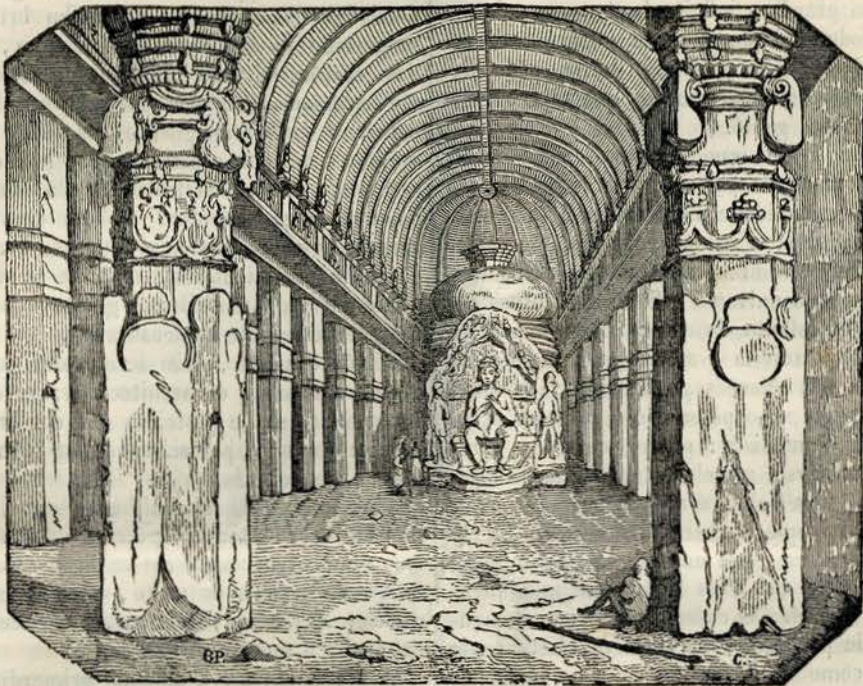
372.º Os muros e as pallissadas são abrigos que apenas se pôdem adoptar em pequenos cercados; e ordinariamente es que se usam nas hortas, nos pomares, e nas vinhas. Os muros pôdem ser de taipa ou de pedra; estes ultimos são preferiveis aos primeiros pela sua maior solidez e duração. As pallissadas são guarda-ventos feitos de canas, de taboas, de ramos de pinheiros e outras arvores, de colmo, &c. Fôra inutil fallar aqui dos caixilhos, dos estufins, dos hibernaculos, e das estufas por serem abrigos de que o agricultor raras vezes se serve, e que apenas se usam nos jardins para defeza de algumas plantas exóticas, e mimosas.

373.º Temos mencionado todas as influencias phisicas, que pôdem actuar sobre a constituição do clima; e temos visto que estas influencias tendem todas a produzir dois effeitos que se pôdem considerar como capitaes; a saber, uma temperatura mais ou menos elevada e uma humidade mais ou menos abundante; resultando daqui a divisão geral dos climas em *frios*, *temperados*, e *ardentes*, e em *humidos* e *seccos*, segundo o seu maior ou menor grau de calôr ou de humidade.

374.º Estas influencias são porém tão variaveis e fugazes que raras vezes pôdem ser cabalmente previstas e apreciadas pelo agricultor ainda o mais esclarecido. Ora propicias e ora adversas á vegetação, principalmente no nosso variado clima, ellas conservam o agricultor n'um sobresalto continuo, entre os receios e as esperanças. Quantas vezes um dia de tempestade ou uma noite de geada são bastantes para talar completamente os seus campos, queimar as suas searas, inundar as suas hortas, e assolar as suas pastagens! Algumas horas da noite ou da madrugada sobejam ás vezes para lhe ser arrebatado o fructo de todas as suas fadigas! — Assim ao terminar o seu ultimo sulco, o vemos sempre receioso e apprehensivo levantar os olhos para o céu, implorando em silencio as benções e o favor da providencia!

(Continua.)

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



TEMPLO DE VISUA-KARMA.

A ARTE.

A INDIA.

O castigo tremendo de uma immensa culpa prendeu a alma do homem, essa emanção divina creada para gozar os prazeres puros de uma existencia perfeita, na contemplação do Deus omnipotente, para co-habitar eternamente com os espiritos superiores um paraizo, á materia informe e corrompida. A vida é a lucta de dois principios oppostos, um celeste, outro mundano, um puro, outro impuro, um perfeito, outro grosseiro e vicioso: a alma por vezes succumbe no combate, porém quando a vontade e a acção moral da religião a auxiliam, o seu triumpho é seguro.

O espirito humano busca sempre sahir das prizões do mundo positivo, e por isso se corça das obras

phantasiadas pela sua imaginação, a que dá, ou a graça e a correcta perfeição *do bello*, ou a grandeza colossal, a força e a robustez que constituem os caracteres do *sublime*. E' desta necessidade poderosa, irresistivel, que nasceram as artes; que não tiraram origem nem das exigencias vulgares da materia, nem das exaggerações mesquinhas do luxo, mas só, mas unicamente do sentir intimo dos homens que, encerrando em si, como n'um santuario, as imagens do ideal e do perfeito, as traduziram em obras que realisaram as suas visões.

Em todos os povos, ainda nos menos civilizados, se encontram signaes seguros da existencia do sentimento das artes, que é o resultado da natureza pura da alma. A poesia e a muzica são a sua mais simples manifestação; a religião e os seus mysterios são quem primeiro lhe accordam a vida e a actividade. A reli-

gião, a poesia, a historia; a divindade, o espirito, a tradição, são as fontes donde mana a arte: um povo sobe tanto mais alto, quanto mais puras e abundantes são essas fontes.

De todas as forças creadoras a mais poderosa, a que gera as obras mais collossaes, senão sempre as mais graciosas, é a religião: o sublime nasce della mais naturalmente do que o bello; a architectura é a fórma que mais naturalmente exprime a sua grandeza, os seus terrores, a sua sobrenatural omnipotencia. Como Deus creou o universo, para ser o eterno monumento da sua grandeza infinita, o homem pela architectura reproduz a imagem desse universo, encerrando no templo todas as potencias de que pôde dispôr para constituir um todo sublime que seja o completo simbolo do seu genio.

A architectura é um mundo novo, concebido na imaginação, moldado na pedra: o seu caracter é a universalidade, a generalidade das fórmas; a linha recta imagem do infinito, a curva, representação material do espaço finito, combinam-se, unem-se, confundem-se alli, como no universo o finito dos corpos celestes se perde no infinito do espaço. A primeira regra a que está pois sujeita a architectura é a da ordem e harmonia nas relações geometricas; de modo que entre a imagem e o pensamento se possa achar logo uma ligação immediata: sendo, como é, a representação do universo, a architectura devia necessariamente ter nas suas linhas a mesma harmonia, que Deus pôz nas linhas que os astros descrevem (*).

A natureza organica, essa em que ás forças geraes acresce a força vital que obra tantos prodigios inexplicaveis, goza nas fórmas exteriores de um elemento importante de perfeição, da *simetria*. Esta é por vezes central, como na flôr e nos animaes imperfeitos; nos animaes perfeitos porém ella é bilateral: na flôr grupam-se em roda do centro, partes semelhantes, na fórma de uma estrella; no homem acham-se a cada lado de uma linha central partes eguaes que se correspondem, de modo, que essa linha divida o corpo exactamente em duas metades. A simetria bilateral, sendo a mais elevada e perfeita é a que a architectura na sua sublimidade adopta para a disposição das grandes massas: a outra simetria, só na disposição das partes menos importantes se adopta.

Fixar proporções invariaveis, absolutas n'uma arte como a architectura, que é filha do pensamento, da indole particular, e da religião da cada povo, era contrariar-lhe a natureza, prendel-a em laços que necessariamente lhe produziriam a morte: e de feito, a paixão pela antiguidade que dominou os espiritos por tanto tempo depois da chamada *renascença*, quasi que tem trazido este resultado; encerrada em regras estreitas, a architectura, não podendo obedecer livremente aos impulsos da imaginação e da fé, não po-

dendo voar com a inspiração, tem ido pouco a pouco perdendo a sua importancia como arte, o seu valor como simbolo religioso e politico. Ha porém uma regra que se deve respeitar, seja qual fôr o *estillo* que se adopte na construcção de um edificio, e é que entre a altura e a largura delle haja tal proporção, que a massa total possa ser abrangida pelo campo da vista.

No *universo* artistico creado pela architectura alloresem como na natureza as bellezas da vegetação, que se enlaçam nos capiteis, ou se curvam em festões pelas frizas; apparecem as fórmas graciosas e arredondadas dos animaes, e em fim brilha em toda a magestade da sua nobreza o homem, a mais divina das creações na terra. E' isto que constitue o *ornato*, tão necessario para abrandar a dureza das linhas e encubrir a união repugnante aos olhos dos differentes membros de uma construcção: é este o auxilio que a escultura presta á architectura sua soberana. No mundo, a natureza individual implanta-se na natureza universal; na arte, a escultura, que é a representação das fórmas particulares, implanta-se na architectura, que é a reunião das fórmas geraes, das linhas definidas e exactamente comensuraveis.

A côr tambem, vem acrescentar com os seus encantos a riqueza da architectura; e recebe della tal desenvolvimento e perfeição que em breve emancipada vive por si, e por si representa uma serie nova de idéas e de bellezas.

Para completar a similhaça entre o mundo e a architectura, o homem encerrou no seio do monumento o som, a harmonia; a muzica deu voz á pedra morta, como o rugir do vento, o murmurar das fontes, o ciciar das folhas, e o mugir do oceano dão voz e expressão á terra muda de si.

A architectura é a unidade primordial da arte, de que se gerou depois a variedade das suas fórmas. Por isso é na architectura que primeiro devemos estudar a arte; é nella que primeiro se manifestou a inspiração humana. A alma, querendo unir-se com o céu donde tirou origem, buscou conseguil-o pela religião, e pela arte: esta recebeu os caracteres que lhe imprimiu aquella, como mais forte; e ambas se uniram no templo, ambas se abraçaram na architectura.

A primeira fórma das construcções humanas devia ser a imitação proxima da natureza; por isso a arte *trogoditica* se encontra em todos os povos primitivos. Os primeiros abrigos dos homens foram as cavernas abertas nos montes pela propria natureza, nessas cavernas aprenderam elles a construir os templos e os sepulchros. Na Grecia adorou-se o deus Pan na gruta do Parnaso; o Egypto é minado pelas construcções subterraneas; a Ethiopia abunda n'essas sombrias e mysteriosas escavações; a America, a Asia inteira apresentam exemplos prodigiosos deste primeiro periodo da architectura.

A esta primitiva fórma seguiu-se naturalmente uma outra, a que se dá o nome de *cyclopica*. Esta é tam-

(*) Vide os nossos artigos — A NATUREZA — publicados nos numeros anteriores deste periodico.

hem uma imitação simples da natureza. Rochas colossaes sustidas pelo proprio pezo; ora formando torres, ora piramides immensas; circos edificados de pedras grosseiras, ligadas entre si por outras pedras orientaes que formavam, para assim dizer, a *architrave* daquellas columnas brutas; muralhas de uma cantaria informe e solta; eis os elementos desta outra architectura tão selvagem como a primeira, mas conservando o mesmo character grandioso e sobrenatural. Destes monumentos tambem se encontram exemplos por toda a superficie da terra. Os enormes altares dos druidas, levantados na Alemanha e na Inglaterra, as muralhas das margens do Ohio na Nova-York; as construcções que Humboldt encontrou no Perú, são notaveis provas de que os primeiros passos nas artes são semelhantes em todos os povos. O homem busca antes de tudo rivalisar com a natureza, em força e grandeza; e como a natureza tem em toda a parte, em todas as suas maravilhas os mesmos caracteres fundamentaes, por isso as primeiras obras dos homens teem tambem uma grande conformidade entre si.

Depois deste segundo periodo, cada povo começa a modificar as fórmas geraes dos seus movimentos, o character dos ornamentos, da distribuição, da phisionomia, segundo as suas crenças ou a sua organização politica.

A Asia foi o berço da humanidade: quando queremos subir ás epocas mais remotas da historia, é para ella que voltamos os olhos, é nella que vemos impressos os primeiros passos do homem sobre a terra. Essas tempestades immensas em que imperios se quebravam contra imperios, em que nações inteiras se aniquilavam debaixo do pezo de outras nações sem quasi deixarem memoria da sua grandeza, só nella terra de prodigios se viram, só nella passaram tremendas. Foi no paiz onde nasceram, que a providencia deu ás sociedades as mais severas, as mais graves lições.

No meio de todos os povos da Asia ha um, que merece mais que os outros sêr estudado; porque a sua antiguidade vae perder-se nas trevas, a sua civilização resistiu ás mais furiosas tormentas, o seu character, a sua organização politica e religiosa são unicas entre todas.

A India, fechada entre as montanhas mais elevadas do globo, e a vastidão do Oceano, é um paiz rico de preciosidades, fecundo em especiarias, perfumado de rosas, e mimosado tres vezes por anno com os mais saborosos fructos. Ao lado, ou antes estreitamente abraçada com a natureza bella, vive alli a natureza sublime: rochas escalvadas erguem ao céu os seus picos alcantilados; desertos arenosos se estendem amplos e áridos; torrentes despenhadas com furia umas contra as outras se repellem, se confundem, e se levantam rugindo como o mar em ondas que fremem. Era esta a terra dos mysterios na antiguidade; terra desconhecida, mas que inspirava um sancto horror

aos gregos e romanos. Alexandre o Grande ousou, é verdade, pôr o pé de bronze neste paiz ignorado; mas os que o acompanharam não puderam, ou antes não ousaram penetrar os segredos daquellas regiões remotas.

Este paiz singular é habitado por um povo imaginativo, supersticioso, amante dos mysterios e das especulações philosophicas, preferindo o ideal ao real, abandonando-se em fim continuamente á negligencia e á preguiça, á contemplação e ás abstracções do espirito.

Profundamente convencidos do dogma da metempsicose; pantheistas per fé; os Indios adoram as fórmas da natureza, mas pensam sem cessar em libertar-se dos laços da materia para attingir a perfeição espirital. A solidão, o soffrimento, a fome, a immobilitade contemplativa, são meios seguros de chegar ao estado em que a intuição de Deus substitue a consciencia da propria existencia.

O indio crê na unidade de Deus; a idéa primitiva e pura de um Deus que « só existe realmente; comprehende em si tudo, e é a causa de todos os phenomenos. Sem limites no tempo e no espaço; immortal; alma do mundo e de cada individuo em particular » idéa essencialmente pantheistica encontra-se nos seus livros sagrados, nos *Vedas*.

Porém esse Deus tem tido um grande numero de encarnações, todas differentes, e extraordinarias; de cada vez elle revestiu fórmas singulares, muitas dellas monstruosas. Por isso se encontram na arte religiosa da India um sem numero de idolos prodigiosos e repugnantes.

A arte india nasceu, cresceu, e desenvolveu-se, sempre debaixo da acção da casta sacerdotal: o artista não teve nunca alli a liberdade da inspiração; foi uma machina apenas, e por isso as suas obras ficaram, mas o seu nome apagou-se da memoria dos homens.

Erão os sacerdotes, quem davam o plano das construcções, das esculturas, das pinturas; e os artistas, ou antes os operarios vinham aos milhares executal-o. N'uma gruta em que está representada uma officina de escultura vê-se que uns affeioavam as pedras, outros tapavam as fendas, uns deseuhavam as figuras com tinta vermelha, outros corrigiam o desenho com tinta negra, uns esculpiam, outros pintavam, outros em fim envernizavam: por vezes dois artistas trabalhavam a mesma estatua, mas cada um fazia sua metade, que depois se ajustava á outra. Era a divisão do trabalho, mas naquelle gráu em que ella materialisa as mais elevadas operações, e reduz a arte a uma operação mecanica e bruta.

Os indios seguiram no desenvolvimento da sua arte o caminho trilhado pelos outros povos. As suas mais antigas construcções são templos vastissimos cavados nas montanhas, ricos em ornatos, e que de certo demandavam para se completar a cooperação de muitas

gerações. Ha destes templos, alguns cavados em rochas vivas de granito e de porfido, de uma extensão admiravel.

Na Ilha de Salcete existem vastissimos subterraneos, formando salas, gallerias, corredores, precedidos de porticos ornados de monstros medonhos; os templos encerram divindades que sustentam com os quatorze braços a abobada, que parece querel-as esmagar. Anões disformes, labirintos tenebrosos, escadas que se perdem na montanha tornam esta architectura medonha, e parecem occultar segredos terriveis.

A arte, depois de ter lavrado as entranhas dos montes, sae em fim á luz, allora á superficie. Em Ellora podemos nós observal-a no acto da sua transformação; aqui as construcções subterraneas prendem-se com outras que, apezar de abertas na rocha, se elevam já sobre o solo.

Nós damos uma estampa representando o interior do templo de *Visua-Karma* filho de Brahma, e inventor das artes: este templo faz parte dos monumentos de Ellora. Duas linhas de pilares sustentam a abobada, que tem a fórma do casco de um navio invertido, e dão origem a duas naves lateraes cujo tecto é chato e baixo: no fundo eleva-se um corpo cylindrico coroado por um globo achatado, symbolo que os indios denominam *dahgopa*; encostado a este *dahgopa*, sentado á europea n'uma cadeira sustida por dois leões, está o Deus, n'uma postura de meditação: oito genios nús esvoaçam na abobada do nicho em que está collocado: um baixo-relevo corre por toda a friza do templo.

As construcções de Ellora, como todas as obras da architectura india são pezadas e maciças, as columnas e pilares de enormes dimensões com capiteis ricamente ornados. A simetria reina alli com dignidade e grandeza. Ornatos imitados do reino vegetal e animal cobrem com profusão as paredes e os porticos; e linhas de elefantes suportam templos inteiros sobre o dorso possante.

A esculptura é imperfeita; as proporções são desconhecidas, o movimento é exagerado, a expressão pouco natural. E' na ligeireza, e no alongado das fórmas que os artistas indios pensavam que consistia a verdadeira belleza.

A pintura não subiu nunca n'este povo a altura de uma arte: os seus desenhos feitos sobre o papel, com agoadas são ligeiros, porém mostram poucos conhecimentos anatomicos; se ha nelles alguma cousa a notar é a minucia com que representam os detalhes ainda os mais insignificantes.

A' vista dos monumentos da India, o viajante sente uma commoção profunda, uma inexprimivel admiração. Não é a elevação dos monumentos, nem a regularidade e harmonia das fórmas; não é a variedade do esenho, nem a formosura e riqueza dos ornatos; é a consciencia da propria força, é o orgulho de pertencer a uma raça capaz de vencer obstaculos e diffi-

culdades sem numero, quem assim o agita e aballa. Vendo a pedra moldada, fundida á voz de um sacerdote artista, vendo as entranhas dos montes abertas e transformadas em collossos, em gallerias, em porticos, em divindades, pela força do braço humano, o homem considera-se grande, julga-se senhor e rei no meio dos seres creados.

O sublime da architectura, é nos monumentos gigantes da India e do Egipto, que deve estudar-se: a pedra alli tem uma voz para dizer as maravilhas de Deus. Cada templo é um livro de granito, onde os iniciados nos mysterios religiosos, pódem ler os segredos da sciencia e da natureza.

J. de Andrade Corvo.

O MONGE DE CISTER.

ROMANCE HISTORICO

PELO SR. A. HERCULANO.

Dois volumes. Em casa da Viuva Bertrand e Filhos aos Martyres.

Ha poucos annos não existia a novella historica entre nós; as invenções de Walter Scott, desesperação de todos os romancistas, imitadas em França e na Alemanha tinham formado escola; e Portugal tão rico de bellas tradições, com um monumento de gloria a sagrar-lhe quasi cada palmo de terra ainda não achára quem ressuscitasse as suas memorias sumidas nas chronicas, ou perdidas nos archivos.

Não estava creada a lingua do romance em prosa; ignorava-se o segredo do dialogo; reputava-se quasi uma profanação arrancar ao dominio das chamadas epopeias o grande vulto dos nossos heroes para os animar das paixões humanas, que os moveram, e lhes infundir no peito o raio de luz, que a arte empresta ao poeta, para revocar ao mundo das idéas e da intelligencia aquelles que dormem envoltos no sudario com o pezo da eternidade sobre o peito.

Os poemas do Sr. Garrett filhos da inspiração nacional, de que tomam a côr, o gosto e as graças ingenuas, em *D. Branca*, no *Camões*, e na *Adozinda* abriram a lide da poesia moderna, e justando com gentileza provaram que a Musa natal era tanto, era mais formosa do que os modellos eternos que desfiguravam copistas servis. A linguagem ostentava todas as suas posses; o nosso verso hendecasylobo e octosylobo mostrava o seu vigor, mimo, e riqueza; e a tradição só enfeitada com as gallas portuguezas, pela primeira vez subia os degraus do throno da belleza, e tomava o sceptro de rainha, que a imitação lhe usurpára ao romper a renascença.

O torneio cubriu de palmas e de coroas o cavalleiro tão destro e tão feliz em quebrar as primeiras lan-

ças. Em verso o genero estava creado; o quadro estava feito; e o passo mais difficil tinha-se dado. A historia descia do empyreo, aonde os rapsodos a fôram collocar, e viera sentar-se risonha e tractavel á meza do pobre e do abastado. Dando alma ás ficções patrias viera cantar sem o orgulho das fórmulas Epicas os feitos e as glorias dos avós, os costumes e as crenças nataes, que o povo trazia no coração e amava com a saudade e a fé com que ama o berço em que nasceu e a igreja em que repousam seus paes e irmãos.

O poema romantico, por onde Walter Scott começou a ensaiar o seu ingenho imaginoso, vivia desde 1826 e era bem hospedado em Portugal. Mas a novella historica em prosa como o inimitavel Quixote de Cervantes a desenhou, como o famoso escocoz a concebeu meditando o modello castelhano, onde estava — ou quem na tentara aqui? « Bernardim Ribeiro », e segundo uma tradicção affirma « Vasco de Lobeira » antes delle, *tinham posto em leitura o Livro das Saudades, e o Amadiz de Gaulia*. E' tudo quanto havia.

A obra de Bernardim Ribeiro é uma allegoria, em que o amor subindo alto de mais treme despenhar-se, e detraz de um véu exhalla os suspiros, conta os martyrios, e anceia os ciumes. D. Beatriz, a filha del-rei D. Manuel, a mulher do Duque Saboya, lendo o episodio da ave, que revôa pelo rio para morrer fatigada de canções, podia vêr ahí a allusão ao destino do poeta, que ferido de dôr e desesperança jurava sepultar-se nos penedos de Cintra, onde fôra a aurora e o ocaso do seu amor.

Mas se o *Livro das Saudades* diz muito do coração e do sentir do poeta, a novella, a allegoria não sahe do molde, em que nesse tempo se vasavam todas as imaginações amorosas. O romance francez *da Rapoza* e o *da Rosa*, tambem allegoricos, são incomparavelmente mais preciosos porque atraz do simbolo colhe-se a allusão historica, a malicia da anedocta, e a idéa viva da epoca. O *Amadiz*, que teve a honra de dar o seu nome a um cyclo de romances cavalleirosos, duvidamos que fosse inventado em portuguez; as feições e a côr não lhe dão direito a pedir os foros de nacional. Parece muito chegado ás novellas da Tavo-la-redonda; e não nos admiraria nada que o rei Arthur tão jovial, e até o proprio Sir Tristão o abraçassem como parente.

O *Clarimundo* de João de Barros, finalmente, não passa de uma copia de outros escriptos do mesmo genero, onde o Moço da Camara de el-rei D. João III enxertou uma lisonja perfumada a seu Amo, encarregando o Encantador do estillo de fazer as reverencias e genuflexões necessarias a sua alteza. Todas estas figuras vivem e vestem á moda do Norte ou á moda de Italia, e todas ellas vem apagar-se fundidas, ou evaporadas na variada e riquissima téla, em que o Ariosto traçou o prodigioso drama do seu *Orlando Furioso*.

E', por tanto, evidente, que o typo do romance historico moderno não está cunhado nessas composições, imaginadas por homens dominados por uma serie de idéas em quasi tudo diversas das nossas. As novellas de cavallarias correspondiam ao modo de existir e de crer de epocas guerreiras e feudaes; e começam a ter ecco em Portugal no tempo de el-rei D. Fernando. O *Palmeirim de Inglaterra* (a glorificação do genero) pelo seu enredo bem travado, e pela elegancia do estillo é dos poucos que o cura arranca ás iras do barbeiro de D. Quixote. Cervantes, condemnando ao auto de fé quasi todas as panoplias de cavallaria exceptuou o *Palmeirim* como monumento digno de se conservar na memoria dos homens. Teve razão.

A renascença pura, e a Arcadia não admittiam romances. Para ambas fôra blasfemia atroz desherdar a Epopeia do privilegio de celebrar os grandes feitos e os nomes illustres da historia. Se alguém ousasse pôr em prosa, em dialogo, e em communhão familiar com a gente da sua era a Nun'Alvres Pereira, em vez de lhe esmerilhar a chronica no desorado poema Epico — « o Condestavel » — como muito classicamente praticou Francisco Rodrigues Lobo, levantava-se contra o sacrilego um clamor de odio em todo o Parnaso, que iria perturbar o devoto scismar dos censores tonsurados, e as magestosas cabelleiras dos desembargadores na cadeira curul. Todos desde o ministro de estado até ao aguazil gritariam em côro o famoso *cruxifige!* da plebe dos scribas contra Jesus Christo. *Pobre auctor!*

Nem tudo é de todos os tempos. Hoje mesmo não sei se muito critico mais ferrenho se não torcerá lendo a descripção de um almoço ou de uma ceia, a que assistisse o Condestavel, Vasco da Gama, ou Affonso Henriques. O acto da mastigação e deglutição roubam-lhes de certo aquella seraphica e beatifica dignidade essencial na liturgia poetica. Nossos avós não consentiam facilmente, que um escrevinhador de ninharias, de *nugis* como diz aquelle excellente Horacio, tomasse confianças com os manes dos heroes, atrevendo-se a pôr-lhes na bocca a prosa ruim e villã ou os manjares apetitosos, que sustentavam o seu vigor. Era cousa assente que os Deuses e os heroes não comiam, nem bebiam, nem fallavam senão ambrosia, nectar, e versos. Sahir disto equivalia a commetter uma heresia, um crime de leza-religião poetica; e por bem ditoso se devia dar o réu quando o Santo Officio não mettia a mão no processo para o chamar ao caminho orthodoxo, ficando só a punição em ser expurgado devidamente pelos collegas em Apollo.

Neste estado, sem a lingua se achar aperfeiçoada a ponto de se domar á narração flexivel e variada do romance, sem o estillo familiar se ter formado, e se prestar ás inversões, reticencias, e laconismos do dialogo, era preciso apropriar á novella todos os generos desde o epistolar até ao epico, porque ella abrange

todos exercitando-os repetidas vezes. Além da fôrma litteraria tornava-se indispensavel recorrer ás fontes originaes, refazendo a historia, restituindo os caracteres, e estudando os costumes. No meio de taes difficuldades quem pôde pois estranhar, que o lavor improbo de sujeitar a inspiração e infêzar o talento mezes e annos a cegarem-se sobre pergaminhos apodrecidos entre vermes e pó, obstasse ao desenvolvimento desta manifestação da arte, e tanto tempo medeasse entre o poema romantico e a publicação da novella historica?

O drama mais escravo, quanto ás proporções e á fabula pelas exigencias scenicas, não é obrigado todavia a tanto rigor de analyse, e tanta verdade de costumes e caracteres, a egual variedade de estillos, de idéas, e de imaginação. A pompa, a acção, e os actores suppreem muito lapso, avivam muita belleza, dão alma e calôr ao que pareceria morto na leitura. O grande segredo do romance é a sciencia de contar e a fina observação do mundo. A tragedia, a comedia, o epico, o lyrico, a ecloga, e a epistola, cruzam-se, enredam-se, e entretecem-se na teia matizada, como as lagrimas e o rizo, a paixão, a esperanza, e o enthusiasmo se abraçam na vida, travando-se a cada momento della.

Por isso a primeira vez, que em um jornal litterario appareceu um capitulo de romance historico portuguez o publico devorou-o avidamente, applaudiu e adoptou o genero. « Mestre Gil » resuscitando a catastrophe dos Duques de Bragança e de Vizeu ainda não era mais do que um ensaio timido — um trecho de chronica posta em dialogo, com algumas descrições de sitios e pessoas. O *Lidador* e a *Abobala* publicados depois, corriam mais livres, e o ultimo sobre tudo é um modello de estillo, de melancolica e admiravel poesia. O architecto martyr da arte e cavalleiro de Aljubarrota até no voto de não sobreviver á ruina do seu audacioso desenho; o homem que tres dias e tres noites no descahir da vida esperou sentado sem comer nem beber que o tecto de pedra rangesse desunindo-se, e os andaimes estalados o enterrassem comsigo; o soldado poeta que dotou a Batalha do seu mais admiravel padrão — a abobeda suspensa da casa do capitulo — eis uma figura que pede o pincel inspirado do mestre, porque é digna do grande monumento erigido á liberdade portugueza perto do campo da victoria!

Escusado é repetir o nome do escriptor, que traçou nas paginas fugitivas do jornal estas bellas illuminuras consagradas a reproduzir as crenças e a phisionomia da meia idade entre nós. Esse nome escripto no rosto da « Harpa do Crente », da « Historia de Portugal », do « Presbytero », e ultimamente no do « *Monge de Cister* » é tão conhecido na casa patriarchal das provincias como no faustoso aposento da cidade. O Sr. Alexandre Herculano, creando entre nós o romance e a historia, mereceu da douta Alemanha e da Eu-

ropa sábia onde taes estudos se prezam e se entendem o mais honroso testemunho de homens como Savigny, Cantu, e Scheffer; e o auctor da *Historia do Direito Romano na idade media*, assim como o auctor da *Historia Universal*, e o historiador de Portugal até Affonso V, são criticos que se não prestam a ejaculações panicas, nem rendem louvores senão ao que os admira.

O *Monge de Cister* fôrma o segundo e terceiro tomo da collecção, a que o poeta deu o nome de *Monasticon*. Já nos pareceu lèr, que esta idéa de levar a analyse ao seio do ermo, e pondo a mão sobre o peito do solitario adivinhar-lhe os remorsos e as chagas insoffridas, significava um libello anti-religioso. Elevou-se o celibato a dogma para dar ao crime escripto mais grandeza satanica! Será profanar o sudario, e escarnecer com ironia o claustro, o estudo do coração humano? Sem se crer não se cria, e depois de Deus só a arte tem omnipotencia para dizer ao nada: — existe! ao cadaver como a Lazaro: — ergue-te e anda! Neste seculo, em que tantos problemas se discutem, em que os anachronismos politicos pondo verniz sobre as rugas da decrepidez se fingem moços e experimentam as azas de Icaro a vêr se voam, a intelligencia tem duas missões na terra a cumprir. Uma é do presente e pertence a todos; a outra legada ao futuro e plantada hoje, só as mãos de nossos netos talvez a possam colher.

O Mosteiro cahiu, e uma vez derrubado ninguem mais o levanta. Instituição nascida na austeridade da fé, e no principio da lueta do christianismo, cegou-se com o mundo, que devia esquecer, e baixando a vista do céu olhou de mais para a terra, mettu-se no seculo com demasia, e despegou-se da cruz que era o seu estandarte. Quando veio a adversidade e a provação já não sabia o caminho do deserto, e não podia volver á cella da penitencia.

O tempo matou o claustro. Os homens passaram, as cousas mudaram, tudo se transformou; — e a arvore antiga d'antes ao amparo dos thronos e dos povos torceu-se carcomida ora para um ora para outro lado, á medida que as edades lhe levavam os abrigos. Um dia achou-se toda minada; e o furacão, quebrando no tronco descravou-a das raizes, e alagada deu com ella em terra.

A instituição morreu; mas a historia dos serviços que prestou á civilisação consta do glorioso testamento que nos herdou. Mais de metade da sciencia, de que este seculo é tão orgulhoso, deve-se aos eremitas do claustro; — e um dia ainda a justiça da posteridade ha-de tomar estreitas contas aos demolidores da geração presente, porque confundiram o innocente com o culpado, a obra politica com a vingança brutal e inexpiable; um dia ainda algozes e victimas serão chamados de novo a juizo, e mais de um nome receberá o stigma da condemnação.

Este é o dever da historia. O da arte e o da phi-

losophia consiste em estudar o misterio do coração e da existencia tanto no ruido do mundo como no silencio da clausura, examinando se a crença que arremessava de joelhos o homem aos pés do altar e o fazia abnegar da vontade, da ambição, e do amor tinha razão, descobrindo o porto antes do naufragio.

Na cegueira do mundo e na torrente das paixões, o espirito vendo todos os affectos mortos e todas as esperanças murchas volta-se para Deus e escolhe para catre de penitencia e de vigílias a cruz aonde Christo padeceu. Apertando o cilicio ao peito, e concentrando-se na eterna reflexão de si mesmo, poderá dizer o homem ao coração: — morre! á memoria: — foge! á saudade e á vingança: — esquece! O suicidio moral, o voto que fecha sobre o solitario as portas da clausura separando-o da vida do seculo como a lousa do tumulo mette a eternidade de permeio entre o cadaver e a existencia, consegue mutilar a alma, e converter o homem velho no homem novo como promette a profissão monastica?...

Eis o problema, que a philosophia e a arte discutem. O sudario que veste o vivo, este sepulchro onde vem soar as vozes do mundo lá de fóra, essa penosa solidão em que vai achar-se comsigo só defronte da imagem do amor, que o matou, da saudade que o devora, da vingança que o persegue — bastam, podem dar-lhe a paz e o repouso, que elle busca debalde no seio da oração, na austeridade dos jejuns e dos cilicios? Cede por fim o espirito ao corpo quebrantado? Raros venceram nesta lucta sublime. Os mais, na clausura como no mundo trouxeram cravada sempre no peito a desesperação para que pediam alivio e esquecimento ao altar, á sua estreita cella, e á virtude do habito que os sequestrava do mundo sem os poder apartar das paixões excruciantes que de lá vieram com elles! Só a sciencia, que é o amor da intelligencia, alguma vez colheu o triumpho glorioso da razão sobre o sentimento exaggerado. Só a idolatria da sciencia venceu a idolatria do affecto. Mas para isso mesmo quantas lagrimas, quantos remorsos, quantas afflicções penadas secretamente!

No Presbytero o Sr. Herculano examinava a questão pelo aspecto do celibato. O amor sem esperanza refugiava-se no seio do sacerdocio; e nos trances da transformação que fora impeto desesperado, e não vocação espontanea, mal podia conter o coração para que não voasse a adorar a saudade da mulher em lugar de adorar a Deus. O Presbytero ama sempre como no primeiro dia; e quando os braços da esperanza lhe estão abertos, quando o affecto o chama e lhe promette a ventura de que desesperou tão cedo, entre elle e o amor acha o voto que o fulmina, sente o martyrio de ter o coração do vivo a pular no peito do morto. Cadaver pelo celibato ha-de ser só do altar que abraçou, e da patria que se abysma nessa hora mesmo no campo da grande batalha em Guadalete. O que lhe resta já? Resignar-se? Não pôde. Morrer

mil vezes ao pé della? Era preciso ser anjo e não homem. Nada mais lhe resta pois senão consummar o suicidio moral do celibato pelo suicidio phisico. Offerece a fronte á espada, e pagando com o sangue do godo o dever de filho á terra natal encontra finalmente nas trevas do tumulo o repouso, que debalde procurou no altar.

No Monge de Cister não é só o celibato que se discute, discute-se a vocação arrebatada, a profissão monastica feita no delirio da dôr irremediavel. O claustro e a sociedade estão um defronte do outro; a paz e a lucta, a oração e as paixões, a fé e o descrer encontram-se, combatem, e não arrancam a victoria ao mundo, porque o campo da peleja é na terra e não no céu; é o coração do homem e não a essencia quasi divina do archanjo. Se a natureza humana, depois de padecer o que padeceu Fr. Vasco, podesse esquecer e perdoar, o Emyreio tinha descido a habitar entre nós, e começava de novo o reinado do paraizo, que perdemos. O impossivel moral está tanto acima do esforço do homem como o impossivel phisico.

Quando com o leite da infancia a sociedade alimenta em nós idéas de dever, instinctos de honra, e affectos poderosos, semea a vida ou a morte, a perda ou a salvação. Se está mal constituida, se a maior parte do que nos rodea é hypocrita, cruel, e dissoluto, a acção do vicio e do crime ferindo-nos profana o nosso thesouro de illusões e de verdades, queima a alma com o escarneo e a vergonha; e converte em delictos as virtudes, em odios encanecidos as mais suaves affeições. A reacção sempre superior ao golpe que a provoca torna-se tanto mais implacavel e cega, quanto era pura, generosa, e innocente a alma do homem injustamente despenhado do alto das suas rissonhas esperanças n'um abysmo de miseria, de desesperação e de oprobrio.

O claustro é impotente para consolar e extinguir as feridas que ulceram o coração do infeliz, que provou desta dôr; para o curar carecia de sujeitar o impossivel. Era necessario refazer outra alma, outros sentimentos, outra sociedade. Ha crimes, que a clausura expia; ha magoas que ella refrigera; a esperanza sêcca ao halito mirrador do mundo pôde florescer no céu; mas aquelle que sente sobre o peito a mão de inimigo e ouve do sepulchro a voz de pai e irmã deshonrados a bradar-lhe por vingança; esse ha-de esconder o punhal debaixo do habito como o guardaria debaixo do vestido no meio do mundo.

No *Monge de Cister* esta transformação do mancebo generoso e leal em um grande criminoso, está admiravelmente descripta. E' uma analyse profunda do coração humano, um canto do véu erguido ao mysterio da existencia, cujo typo melancolico o rei da scena, Schakespeare, cunhou com tanta verdade em *Hamlet* e *Otello*. E o caracter do monge, de Fr. Vasco, é filho das duas paixões que de todas são as mais indomitias: — a vingança paterna e o ciúme. Como

Hamlet só respira para cravar o ferro nas entranhas do seductor de sua irmã, do assassino de seu pai. Como Otello, a imagem de Leonor arde-lhe n'alma como fogo, e para a arrancar aos braços que l'ha roubaram banhar-se-ha em um rio de sangue. Deus e a salvação desapareceram completamente diante da idolatria destas paixões, que se tornaram instintos fêrvidos e irremediáveis, como a ferocidade do tigre, ou o veneno da serpe.

O primeiro capitulo, em que Vasco da Silva, cavalleiro da ala dos namorados em Aljubarrota, apenas embainha a espada e limpa o suor da peleja vda á casa paterna para estreitar nos braços o pai a quem ganhou uma sepultura em terra livre, a irmã a quem estremece tanto, e a mulher que adora mais que a Deus e do que a si, é de uma poesia suave, que respira os mais bellos affectos lyricos. Quando o mancebo ao passar pela igreja sabe que o cadaver que lá jaz é o de seu pai; que sua irmã seduzida e inflamada fugindo do solar arrastou á cova o ancião; e que Leonor, a esposa promettida ao seu amor, o trahiu e está casada no poder d'outro, porque esse tinha mais tres avós e mais alguns punhados d'ouro do que elle — o poeta soube dár á revolução moral que se opera na alma do mancebo a magestade sinistra e a grandeza satânica, que assignalam a queda do archanjo, quando se precipitou do céu e se fez demonio. Vasco, tambem desde essa hora é que se tornou réprobo.

Não descreveremos as scenas do romance. A critica minuciosa e microscopica cega sem aproveitar. Estudiar a idéa moral, e a base historica para vêr se ambas foram bem desenvolvidas é o que nos parece mais util e mais importante. As bellezas da arte, como as bellezas do corpo humano não se podem separar do espirito, que lhes dá graça e animação. O amphitheatro das dissecções é para o anatomista que estuda o cadaver. O Livro, a arte viva, vê-se por outros olhos, e julga-se com a razão e com o sentimento.

O « Monge de Cister » restitue-nos Lisboa antiga, a Lisboa d'el-rei D. Fernando e de D. João I. A introdução em poucas palavras severas e philosophicas revela-nos o pensamento do auctor; e no Sr. Herculano á promessa corresponde sempre a verdade. Lisboa apparece reedificada pelo romancista como existiu na epoca mais gloriosa de Portugal. É um estudo feito em consciencia; fructo de perseverança que nenhum lavor por mais improbo que seja, pôde fatigar. O poeta não tinha á mão, e ao pé de si, como Victor Hugo, teve para recompôr Pariz do XIV século uma obra, como as *Memorias de Saual* em que tudo se acha referido. As suas descrições são apuradas em milhares de documentos ineditos e de textos duvidosos, sobre os quaes o exame critico veio lançar a luz e harmonia que brilha nas pinturas da novella a este respeito mais historica, do que tudo que por ahí reputam e chamam historia. É para unir as invenções do romance a erudição do antiquario, e

o juizo recto do historiador é necessario ter uma vontade robusta e tenaz, que raro se encontra nos eleitos da Musa poetica.

A epoca é a da lucta dos concelhos contra os vexames e tyrannias dos fidalgos. Estão a abrir-se as Cortes de Lisboa. Entre o povo e os nobres vemos o throno do Mestre de Aviz, sagrado rei no meio das batallas, como os antigos chefes das tribus do Norte. Ao lado do rei, com a mão detraz da corôa apparece a figura palida e sagaz de João das Regras, o grande precursor da unidade monarchica. O Direito Romano se podesse tomar corpo encarnava nelle. O doutor de Bolonha, chanceller interino do rei, com a sua intelligencia vasta e lucida ata e desato os fios do enredo politico, desarma os fidalgos com o braço do povo, reprime o povo com as ameaças dos senhores, e fortifica de todos os interesses e odios oppostos a base da monarchia una e superior a tudo, imagem viva de Deus na terra, lei permanente e absoluta que declarando em nome do poder a vontade de um, só acceita a obediencia de todos.

Na scena dos fidalgos juntos em concilio na tavolagem do bêteiro, vemos a questão politica exactamente discutida de ambas as partes. É excellente ali a figura brutisca do procurador de Celorico, o illustre Mem Bogalho, por alcunha o *Pata-burro*. No acto de vender o sigillo dos seus collegas das Cortes, vendo-se cuberto de ultrages pela ingratidão dos nobres, o pobre villão vira-se e morde-os no rosto com todas as verdades acerca dos roubos e violencias, de que os povos os accusam e elles interiormente se reconhecem culpados. Este Episodio, que abrange os capitulos X, XI, e XII, parece do pincel de Walter Scott, com mais vida e verosimilhança historica todavia, do que usava em muitos casos o engenhoso escocoz.

No « Monge de Cister », como nas melhores novelas do immortal Scott todos os personagens vivem da sua propria individualidade. Não ha abortos phisicos como Quasimodo, nem hediondos aleijões moraes como Rodin. Fernando Affonso o seductor da irmã de Vasco, o valido de D. João I, se nos indigna pela frieza com que pratica o vicio e se culoda no charco de immundos deleites, não excede com tudo as raiaes do possivel. O proprio Abbade de Alcobça, o afamado D. João de Ornellas, que representa o ultimo gráu de dissolução e preversidade, é copiado do retrato que nos deixaram os chronistas da sua ordem. Vasco da Silva tinha nascido para ser bom e virtuoso. Alma vehemente e apaixonada toma-o a desventura ao sahir do berço, e converte em martyrio e em veneno para elle a paixão que teria sido a gloria do seu nome e a esperança da sua carreira.

Duas scenas ha sobre tudo inimitaveis pela exactidão historica, e pela penetração e sciencia do mundo que revelam no escriptor. Pintam-se em relevo a si proprios nella o Mestre de Aviz e o seu maniboso chanceller João das Regras. A figura do jurista e os

calculos do politico, temperando o fogo em que arde o odio do Cortezão, com o mais consummado tacto fazem sobresahir a franqueza militar, a vontade robusta e tenaz de D. João I. O dialogo e as descripções, que embelezam os capitulos XV e XXIV são de mestre, porque só os podia conceber e executar quem possui o saber historico e a analyse do coração humano.

Nenhum dos personagens introduzidos no romance desmente a unidade moral da sua phisionomia. A pintura desprega-se na tela matizada do romance com um vigor e uma variedade, que provam, que antes de os revocar á vida ideal o auctor os tinha educado com amor, e disciplinado com reflexão na sua phantasia de poeta. A opposição dos caracteres é completa e natural; o enredo ata-se e desliga-se com logica, servindo-lhe de nó o enredo politico, cuja influencia desce até ao intimo da existencia particular. — Justificam a catástrophe do desenlace as idéas da epoca e o exorço collectivo do odio de todos contra um só. Os motivos de cada acção, assim como os elementos da fabula geral tem as raizes nos costumes do tempo, no character dos personagens da novella, e na logica das paixões.

Quadro completo e escrupuloso de uma grande epoca o romance abraça todas as classes — o povo, o mouro forro, a mulher vil, e o anjo de pureza, que se perdeu pelo amor e se ha-de salvar pelo amor. Quando Fr. Lourenço Lampreia, o monge virtuoso (creação suavisissima que põe o céu ao pé do inferno representado em D. João de Ornellas) encontra Beatriz expirante e lhe restitue o affecto de seu irmão, lá está a boa acção do folião Ale, a proclamar a nobreza do popular que lhe deu amparo, e a vileza do poderoso que a abandonou. A descripção da festa da Maia, do Corpus Christi, e do saráu da corte tem o sabor e a graça da vida activa e patriarchal das antigas eras da monarchia.

E' um rasgo de poesia admiravel aquelle em que Beatriz sentindo espirar á flôr dos labios a ultima luz da existencia, abraçando o irmão sobre a cruz, não acha no fundo da sua alma senão amor para o homem que a perdeu. Coração divino na resignação e no sacrificio, como o Salvador, diante da morte não sabe senão amar e esquecer. Este bello trecho lyrico foi de certo escripto nos saudosos arreboes da tarde, em que a aragem da primavera murmura como suspiro nas folhas das arvores, e o ultimo raio de sol fuge rapido a apagar-se no clarão melancolico do crepusculo. O final do romance está combinado com estrema arte, e reveste-se da pompa e da magestade tragica, que a catástrophe exigia.

Accusar-nos-hão talvez por não citarmos defeitos no « Monge de Cister ». Fallando das obras do Sr. Garrett, já o dissemos, o pensamento do Livro, a harmonia das proporções, e a verdade dos affectos é o que mais importa examinar. Descuidos aqui e além

no discurso ou no verso; sombras neste ou naquelle logar quem deixou nunca de as ter? O estilo do Sr. Herculano é severo como é desenganada e austera a sua philosophia. Alguma côr antiga lhe carrega um pouco talvez as descripções historicas; pôde ser mesmo que certa obscuridade resulte d'ahi a leitores menos versados que o auctor, nesta especie de estudos; porém, quando o livro é um monumento, uma epoca, e um poema, quem ha-de descer da sua elevação para roer uma ou outra aresta de columna menos perfeita, ou a flôr de pedra, que o cinzel de proposito ás vezes despreza para dar algum claro-curo á obra?

Confiamos, que os leitores hão-de concordar conosco depois de examinarem o romance, que o « Monge de Cister » é a primeira, para não dizer a unica novella verdadeiramente historica, que temos em Portugal. Sir Walter Scott não era mais espontaneamente inspirado nos capitulos, em que restituia ao mundo ideal a vida e as crenças das gerações que dormem na urna cineraria dos seculos.

L. A. Rebello da Silva.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XII.

Amor e traição.

(Continuação do n.º 11.)

— « E se tua irmã o amar? »

— « Está quite. »

— « E se elle a pedir para mulher? »

— « Recuso. »

— « Se te propozer repto? »

— « Não accetto. »

— « Pois eu, pelo sangue das veias, se houver co-
varde que a deixe no chão, levantarei a luva!...
Chamáste-me para juiz; não te lembres de mim pa-
ra carrasco, Martim Paes. Aconselho-to. »

E fazendo um aceno aos mais, o cavalleiro velho sentou-se na cabeceira da meza. D. Martim, sem re-
darguir, voltou-lhe as espaldas, e sahio da sala. Quan-
do chegava ao cimo da escada, Gomes Lourenço e sua
irmã estavam nos ultimos degraus. O cavalleiro de
Lanhoso não trazia mais do que uma espada, preza
ao cinto de anta lavrada. Os tres mediram-se em si-
lencio um minuto ou talvez menos. Os beiços não bu-
liram, mas os olhos... disseram tudo!

Nem entravam, nem fallavam. Alguns momentos
estiveram a olhar assim uns para os outros; e de ca-
da vez que o moço alferes fitava D. Martim, ou sua

irmã, a vista, como um punhal, entrava-lhes pelo coração.

— «Senhora D. Maria, disse por fim o cavalleiro de Salzedas; não entramos?»

— «Pois sim; entremos» respondeu a dama de Lanhoso com ar constrangido.

— «A fada de Avellans, continuou o mancebo ironico, que vara de condão teve! De nada se esqueceu. Vêde que boa escolha de mordomo!»

E com um sorriso d'escarneo apontava para Martim Paes, que virou a cabeça desejando encobrir o pejo que lhe subia ás faces.

— «Então? Proseguiu o mancebo. Sei os hospedes que nos esperam. Vi as côres de Lima e Cima-Cavado. Como os nossos esponsaes serão festejados pelos ricos homens do Minho, e parentes de Lanhoso! oh! se eu soubesse?!... alguns de Riba-Douro... não haviam de faltar aqui. E talvez que ainda venham.»

D. Martim e sua irmã trocaram um relancear de olhos. Se o neto do espadeiro tivesse effectivamente convidado os cavalleiros alliados com o solar de Salzedas, ambos estavam irremissivelmente perdidos.

Acabando de dizer estas palavras, Gomes Lourenço foi a pegar na mão de D. Maria, e largou-a. A mão estava fria de neve. Vergando diante do desprezo do mancebo, e branca como as figuras grosseiras enlaçadas pelos capiteis dos columnelos, a irmã de D. Martim ora dava um passo, ora o retirava, como se a soleira da porta queimasse ardendo em braza. Já sem remedio arrendia-se do que fizera, e tinha vergonha de si, e do homem a cuja vingança se associara, trahindo um amor tão sincero como ardente. Era tarde.

— «Em fim, um de nós ha-de ser o primeiro!» exclamou o collaço d'Alfonso II, empurrando a porta.

Poucos actos ha na vida mais solemnes do que a scena que se lhe apresentou. Dentro da sala ardiam grossas tochas em anneis de ferro, chumbades na parede. No meio, e á roda da meza larga, que arrastava pelo chão a coberta de panno azul, viu assentados os parentes de Lanhoso. Conhecia poucos da côrte, bastantes do arraial. Todos tinham defronte de si o capello d'aço, o guante direito, e a espada embañhada. Na cabeceira desenhava-se a estatura gigante de D. Froylas, veneravel pelas compridas barbas brancas. O mais moço, Tructezindo Ramires, inquieto e com mostras de impaciencia, não despregava os olhos da porta.

Depois de entrar, o cavalleiro de Salzedas correu a vista por todos elles; dahi foi-a cravando lenta e tranquillamente em cada um. Ninguém podia soffrer aquelle olhar recto e ironico; e só respiravam desaffogadamente quando o silencioso exame mudava para outro. Chegando a D. Nuno, um relampago de riso fugiu nos cantos da bocca do moço alferes; em Tructezindo Ramires uma nuvem lhe escureceu o rosto de pezar. D. Nuno corou e desviou-se; — era o unico que alliera armado de todas as peças. Tructezindo inclinou

a cabeça e sentiu nos olhos a nevoa de duas lagrimas.

Ambos tinham razão.

Seguiu-se larga pausa. Todos receavam fallar primeiro. D. Maria, com a mão direita no espaldar da cadeira de D. Froylas, nem pestanejava. Martim Paes, entre o odio e a vergonha, e tremendo das palavras do seu inimigo, não ousava provocá-lo rompendo a mudez geral.

Ha homens, escravos das paixões, que cedem como creanças, aos olhos e riso de uma mulher, abjuram as virtudes viris, e esquecem os deveres mais santos aos pés della. E decorridos instantes, enxugando as lagrimas do amor, são os que mais rijo vão topar nos esquadões cerrados, e pela firmeza do valôr heroico desagravam o opprobrio de uma vida consumida em obscuros deleites. O perigo enebria-os, a morte não os empallidece, e nas fadigas das armas, ou nos trances supremos folgam como se ri alegre no turbilhão das danças, ou entre o tinir das taças, em noite de banquete. Quando os que o mundo chama fortes e animosos desmaiam de olhar para a côva, estes abelhas endoudecidas em redor das flores do prazer, sacodem a poeira da jornada terrestre, e despedem-se da vida, como de um amigo que ha-de volver com o sol da manhã seguinte! Gomes Lourenço era desses homens!

Se alli dentro havia faces pallidas ou coração trémulo, de certo não era o delle. Não perdeu um momento, a serenidade d'animo, quebrando o profundo silencio que o acolhera, voltou-se para D. Maria Paes com o mesmo tom de ironia, em que lhe fallava desde a sua chegada ao castello, e disse fingindo-se admirado:

— «Isto é um noivado, ou um enterro, senhora? Temos aqui estes cavalleiros moços, e vejo-os tristes como ermitões!?!... D. Maria Paes, não lhes dirá que duas almas, que não podem viver separadas, se unem hoje perante Deus?» — e, sorrindo com ar de mofa acrescentou, voltando-se para D. Froylas e os parentes de Lanhoso.

— «Que thesouro d'amor o deste coração!... A estrella, que o viu nascer, ha-de vê-lo expirar puro e immaculado... como se jurou.»

A dama de Lanhoso, entre oppostas paixões vacillava de pejo, e de remorsos. Não ousou responder, nem levantar a cabeça.

— «Morreu aqui alguém?» perguntou Gomes Lourenço com simulado espanto.

— «Morreu ás tuas mãos a honra do solar de Lanhoso, replicou D. Nuno, erguendo-se com ira; e viemos todos ás exequias.»

— «Ah!» foi a unica resposta do mancebo.

— «E exequias assim, proseguiu o cavalleiro, ainda Portugal não as viu, nem tornará talvez a vêr!»

— «Sim!?! redarguiu o moço alferes; e, soltando uma risada: E' D. Nuno o coveiro?... Dá-se me-

lhor com a enchada?... nem todos nascemos para tudo.»

Os cavalleiros fitaram-se com admiração. D. Nuno mordia os nós dos dedos, verde de raiva.

— «Estou pasmado, continuou o neto do Espadeiro. No tempo em que me criaram, fallava de brios quem os tinha provado na fronteira; — agora o villão ensina o lidador, e o soldado fugidiço préga valentias de traz das paredes, diante dos que o viram açoutar por covarde... São voltas do mundo.»

— «Que vergonha esta para nós!» gritou Tructezindo Ramires; e, encarando D. Nuno, cholérico, bradou, cerrando-lhe o punho quasi sobre os olhos:

— «Este homem estará decepado das mãos, ou cortaram-lhe a lingua, como aos excommungados por heresia?»

— «Deixae o valente cavalleiro, Tructezindo! acudiu Gomes Lourenço com escarneo protector. Olhae, como está féro na sua armadura!... Não ameaça, para que não trema o mundo á sua voz.»

Uma rizada longa e accorde estallou na vasta quadra, e até foi encrestar de um sorriso a austera bocca de D. Froylas. D. Nuno erguia-se e assentava-se machinalmente, ora rôxo, ora pallido de cera.

— «Martim Paes, disse o moço alferes, o esforçador lidador d'Avellans não nos dirá, ao menos, o que fez da sua valente espada?»

— «Fiz um punhal, Gomes Lourenço,» retrucou o senhor de Lanhoso, em voz tão baixa que parecia um ecco dos proprios pensamentos.

— «E tiveste razão. Espada é para leaes. Os traidores usam punhal... Quem ajoelha aos pés do inimigo em duello da morte, e acceta mercê... pôde ser assassino, mas cavalleiro, nunca!»

— «Morte de Christo! balbuciu Tructezindo Ramires, atando-se-lhe a falla de indignação. Quem é o vil capaz de tal covardia? Não sei que o possa haver.»

— «Enganas-te; ha. Que responde áquillo o Sr. Martim Paes da Ribeira?» atalhou Gomes Lourenço, abrazando-o com o flamejar da vista, em quanto a voz conservava a doçura traiçoeira do escarneo.

D. Martim, escumando pelos cantos da bocca, de um impeto pôz-se em pé, e estendeu os braços; — queria bradar «mentes!» mas a verdade pôz-lhe um nó na garganta, e obrigou-o a cahir, livido e suando gotas frias, no escanho.

— «No tempo em que meu pae, com o cabo da lança, obrigava D. Nuno a metter-se aos mouros, proseguiu o mancebo de Salzedas, os cavalleiros matavam, ou morriam sem pedir mercê. Ainda não tinham crescido os traidores, que hoje vestem armas e cingem espada, para ajoelhar de covardes, apunhalando como verdugos... D. Froylas ha-de se lembrar... é do seu tempo.»

— «Que homem, que homem este!» murmurou, suffocada, Maria Paes.

Seguiu-se outra pausa larga, durante a qual só se ouvia o moço Ramires, batendo com o punho, exclamar:

— «Por Santiago! O céu não cobre ninho de maior covardia!»

D. Froylas estava escarlate de vergonha. Tinha presa de se arrancar ao martyrio das reprehensões merecidas, com que o mancebo de Riba-Douro feria sem piedade os que eram sangue seu, e trajavam as mesmas côres.

— «Gomes Lourenço, disse elle, estamos aqui os parentes de Lanhoso...»

— «Entrou por ventura o rei de Leão nas terras de Portugal? acudiu, sorrindo, o moço alferes. Sei que não gostaes de lançadas fóra da justa cortez...»

— «Essa affronta dita a mim, D. Gomes?» bradou Tructezindo Ramires.

— «A ti não, meu amigo, ia quasi dizer irmão d'alma, a ti não, porque mentia; mas a elles, aos fracos, que me ouvem calados e não respondem, mostrando no peito as cicatrizes das pelejas... Nem a ti, nem ao mais velho da raça de Cima-Cavado.»

— «Obrigado, Gomes Lourenço! exclamou D. Froylas; outro tanto digo de ti. Deus sabe o que me doe de te vêr neste lance.»

— «Mais vos pezará quando fallar o meu nobre accusador. Se ha viltá, delle a recebestes.»

— «Falla, D. Martim. Diante de Deus e de nós todos aqui juntos, dize-nos se te faltaram com justiça, para ta fazermos, e te desaffrontármos, se affronta houve. Declara a razão porque nos chamaste em teu soccorro?»

D. Martim, succumbido, daria tudo para se achar muito longe d'alli. Entre tanto todos se tinham virado para elle.

— «Este homem, disse, depois de largo espaço, sahii ao caminho a tomar minha irmã; e tres dias com tres noites a teve captiva no seu castello. O solar de Lanhoso está deshonorado. Como cavalleiros peço-vos justiça — como filhos do mesmo sangue requeiro de vós ajuda.»

— «Esse villão mente!» atalhou severamente Gomes Lourenço.

— «Á espada, Gomes Lourenço, — ou enterro-te essas palavras com a minha adaga no coração.»

— «É um duello que me propõe o extremado cavalleiro de Lanhoso!» perguntou o mancebo com socego.

— «A todo o transe.»

Gomes Lourenço, tirando a espada da bainha, dobrava-a até a empunhadura para a partir; e o ferro, bem temperado, vergava como junco sem estalar.

— «Tructezindo Ramires, exclamou elle, não posso quebrar-a!... Esta folha, leal como a nossa amizade em melhores dias, accetas ficar com ella?»

— «É d'adiva de amigo?»

— «É deposito de soldado. O cavalleiro pede a

um irmão d'armas que lha guarde para seu filho.»

— « Aceito! »

— « Agora ouve, Martim Paes, disse o moço alferes com desprezo: vae procurar aos villões do teu solar um dos mais humildes, que te faça a honra de cruzar a ascuma com a tua cutella. Os netos do Espadeiro morrem, mas não se aviltam ao carrasco! »

CAPITULO XIII.

Antes morrer!

Apenas Gomes Lourenço proferiu estas palavras se-guiu-se profundo silencio. A voz do mancebo era severa mas triste; não havia nelle cholera, havia só desprezo sincero e completo.

De pé, com a fronte humilhada pelo remorso, Martim Paes cuberto de suor frio e todo convulso parecia o réu; e o cavalleiro de Salzedas, dominando tudo com a altivez do gesto, todos diriam que era o juiz. O odio enganara o rico-homem de Lanhoso. Exposta ao oprobrio pelo mancebo, que o vencera, a dobrez do seu proceder e a profunda covardia da sua vingança, eram ignominiosas e indesculpaveis, como lhas pintára Fr. Munio.

Assim passou um leve espaço. Depois Gomes Lourenço com o braço erguido e signaes de grande commoção rompeu a mudez geral, exclamando:

— « A espada está partida. Podeis usar agora do Foro de Castella. Tenho pressa de morrer!... Parentes de Lanhoso eu, um dos Viegas de Riba-Douro, sou deshonrado só respirando o ar que este vil respira. » E dizendo isto apontou para Martim Paes.

D. Froylas levantou-se, e com elle todos os mais. Tirando a espada da bainha vagarosamente, e pegando-lhe pela ponta, apresentou o punho a Gomes Lourenço, dizendo:

— « E's cavalleiro? »

— « Armado em nome de Deus e de Santiago. »

— « De quem recebeste a pranchada? »

— « De D. Sancho I, rei de Portugal. »

— « Juras dizer a verdade? »

— « Juro. »

— « Então ouve, e quando te perguntar responderás. »

— « D. Martim Paes, dama de Lanhoso, chegai-vos! continuou D. Froylas. Conheceis este cavalleiro? »

— « E' verdade que, perto do castro d'Avellans, vos roubou a vosso irmão, e tres dias e tres noites vos teve no seu castello? »

— « E' verdade. »

— « E ahí fez-vos violencia? »

— « Não! »

— « Agora vós, Gomes Lourenço. »

O alferes d'el-rei deu alguns passos até se collocar entre D. Maria e D. Froylas. Os parentes de Lanhoso

so ficaram da outra parte com Martim Paes, encostado á espada nua.

L. A. Rebello da Silva.
(Continua.)

NOTICIAS.

Em 27 de Setembro.

PRAÇA DE LISBOA.

— No dia 23 o preço dos fundos foi o seguinte:

| | Compra | Venda |
|------------------------------|-----------------------|-------------|
| Notas do Banco de Lisboa | 1,840 | 1,820 |
| Tres operações | 18 | 22 |
| Inscrições de 5 por cento | 46 | 48 |
| Ditas de 4 por cento | 40 | 41 |
| Papel-moeda | 11 | 13 m. forte |
| Titulos antigos (azues) | 6 | 8 |
| Escriptos para as alfandegas | 88 | 90 |
| Na 6.ª parte | 84 | 85 |
| Acções do Banco de Portugal | 452,000 | 436,000 |
| Ditas post dividendum | 437,000 | 442,000 |
| Ditas das Lezírias | 360,000 | 380,000 |
| Ditas — Seguro Firmeza | 380,000 | 390,000 |
| Ditas — Fidelidade | 20 a 22 por cento pr. | |
| Ditas — Omnibus | 70,000 | 75,000 |
| Ditas — Pescarias | 27,000 | 28,000 |
| Ditas — Vapores do Têjo | 19,200 | 21,000 |
| Ditas — União Commercial | 56,000 | 58,000 |
| Ditas — Fiação e Tecidos | 70,000 | 72,000 |
| Ditas — Valla d'Azambuja | 100 | por acção. |
| Obras Publicas | 2 1/2 | 3 por cento |
| Confiança Nacional | 380,000 | 385,000 |

CEREAES.

| | |
|--|-----------|
| Trigo do reino rijo, a bordo alqueire de | 360 a 420 |
| Despachado no mercado | 440 a 480 |
| Molle, a bordo | 400 a 480 |
| Despachado no mercado | 460 a 560 |
| Das Ilhas, a bordo | 340 a 400 |
| Despachado no mercado | 420 a 470 |
| Cevada do reino, a bordo | 180 a 190 |
| Despachada | 220 a 260 |
| Das Ilhas, a bordo | — |
| Despachada | — |
| Milho do reino, a bordo | — |
| Despachado a bordo | 280 a 300 |
| No mercado | 350 a 370 |
| Das Ilhas, a bordo | — |
| Das Ilhas, despachado a bordo | — |
| No mercado | 280 a 300 |
| Centeo, a bordo | 180 a 200 |
| Despachado a bordo | 220 a 240 |
| No mercado | 240 a 260 |

AVISO.

Terminando com este numero o primeiro trimestre da « Epoca » rogamos aos Srs. Assignantes que satisfacem com a maior brevidade ao pagamento das suas assignaturas, e participem immediatamente aos nossos correspondentes, se querem ou não continuar no seguinte trimestre a receber este periodico.